

## REDAÇÃO MODELO

### Bullying: os limites entre a brincadeira e a agressão.

Para discorrer sobre bullying, um clássico da literatura brasileira vem à tona: O Ateneu, de Raul Pompeia, autor do século 19. Nessa obra, os alunos do Colégio Ateneu sofrem advertências e intimidações vexatórias e cruéis sob a direção do diretor Aristarco. O enredo deixa claro que, muito embora a nomenclatura seja relativamente nova, o bullying sempre existiu. Afinal, no recinto escolar, essa prática muitas vezes começa com situações de brincadeiras de mau gosto, que terminam em violência. Sem dúvida, o baixo rendimento e a evasão escolares não só da vítima, mas também do agressor, estão implicados a esse fato, que pode ser abrandado tão logo pais e educadores estiverem mais bem preparados para intervirem. Assim, é preciso admitir que, quando o assunto envolve comportamento, a educação deve ser priorizada.

Nesse sentido, pesquisas recentes do IBGE apontam que 60% dos jovens entre 14 a 19 anos já sofreram bullying na escola. Estudiosos destacam ainda que agressor e vítima têm baixo desempenho escolar e, com isso, emocionalmente desequilibrados, tendem a abandonar a escola. Porém, comumente, joga-se luz apenas sobre a vítima, que precisa da atenção dos profissionais da saúde tanto quanto o agressor, que, muitas vezes, traz consigo algum transtorno emocional – é certo que situações como essas causam alto nível de sofrimento psíquico, que, por sua vez, deságua em atitudes violentas. É, pois, inegável: por detrás de uma brincadeira de mau gosto, o bullying tem se despotado.

Ademais, é preciso anotar a importância dos educadores na prevenção, na mediação e na solução de situações em que o agressor, manifestamente, põe em risco toda a harmonia e a segurança que se espera no âmbito escolar. Ora, estar em sala de aula para, apenas, lidar com o conteúdo programático já não faz parte do contexto atual – o educador há de estar formalmente preparado para atuar em outras esferas da Educação, que dizem respeito à formação cidadã. Paulo Freire já falava em uma “cultura da paz”, que deve ser salvaguardada pela Educação, e, para tanto, o respeito e o apreço pelo diferente são imprescindíveis (lições que, inclusive, deveriam vir de casa).

Portanto, para resolver a questão, o MEC (Ministério da Educação), órgão do governo federal responsável por executar as políticas públicas de educação, deve capacitar melhor os atores educacionais, por meio de cursos de extensão desenvolvidos por especialistas da área da Psicopedagogia, a serem ministrados obrigatória e periodicamente, a fim de que prezem pela integridade física e mental de toda a comunidade escolar. Ao alunado e às respectivas famílias, o MEC deve promover palestras com profissionais da área das ciências sociais, com vista a conscientizar a comunidade acerca dos riscos a que todos estão expostos diante de situações de bullying. Feito isso, o ambiente escolar será lugar de convivência pacífica, harmoniosa e, sobretudo, racional.

*Por Gislaine Buosi*

**Confira a análise estrutural da dissertação:**

Apresentação do tema, com repertório próprio;

Síntese do 1º argumento;

Síntese do 2º argumento;

Tese que sinaliza a proposta de intervenção;

Conectivo interparágrafo + Desenvolvimento do primeiro argumento;

Conectivo interparágrafo + Desenvolvimento do segundo argumento;

Conectivo interparágrafo + Proposta de intervenção – agente, ação, modo/meio e efeito, com detalhamento da ação.